

A vida universitária fez parte de minha caminhada por mais de 30 anos. Ingressei na Universidade de São Paulo em 1971 como estudante de Medicina e deixei suas dependências em 2002 como Professor Doutor Colaborador. Em boa parte destes anos eu acreditei que a Universidade, especialmente as públicas, era o melhor lugar para aprender, viver e fazer ciência. Não tinha por que não acreditar, pois sou do tempo em que as escolas de ensino fundamental governamentais representavam o que de melhor existia para o aprendizado. Apenas os alunos mais fracos se viam obrigados a procurar escolas particulares para conseguir êxito na promoção escolar.

Em 1986 conheci uma fonoaudióloga que mudou minha vida para sempre. Casei-me com ela em 1990. Ela me propiciou conhecer “por dentro” uma especialidade em fase de explosão científica – a Fonoaudiologia. Reconhecida como curso universitário havia pouco tempo, senti-me, imediatamente, atraído a participar deste crescimento científico.

Logo após meu doutorado na Medicina (área Neurologia), iniciei processo de aproximação com os profissionais de fonoaudiologia e, qual não foi meu espanto, percebi que existiam dois grupos distintos de fonoaudiólogos de sucesso: os que economicamente estavam bem, proprietários de clínicas, empresas e/ou escolas particulares e os que acreditavam deter o poder do conhecimento, sitiados nas universidades. Ambos detinham o respeito dos seus pares, mas entre si, trocavam “farpas”; uns não aceitando o “tudo-pelo-dinheiro” e outros criticando o “tudo-pela-ciência”.

Porque não lutar por ter as duas coisas? É sabido que a universidade pública é uma instituição muito “pesada”, que só caminha com passos lentos e dependentes de reuniões e mais reuniões para promover mudanças. As instituições particulares decidem mudanças de forma rápida, de um dia para outro. Assim, não tive dúvidas em compartilhar com o CEFAC a idéia de transformar uma instituição particular, em local confiável para realizar pesquisas científicas apoiadas numa metodologia ética e qualificada. A percepção da viabilidade pelos seus diretores foi imediata. A partir de então, não era mais “eu”, passou a ser “nós”. Nós do CEFAC decidimos dar respeitabilidade científica ao trabalho que vinha sendo desenvolvido há muitos anos com sucesso empresarial inigualável.

O primeiro passo era obedecer a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde que obriga avaliação ética dos projetos de pesquisa que utilizam seres humanos em sua metodologia. Nós, do CEFAC, não poderíamos iniciar uma pesquisa sem antes ter a avaliação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Em 2001, depois de idas/vindas de documentos e visitas às nossas instalações, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), departamento do Ministério da Saúde/Brasília-DF, autorizou o CEFAC a avaliar os projetos de pesquisa na área de Fonoaudiologia. Foi a primeira demonstração de reconhecimento ético e científico do CEFAC.

As pesquisas se replicavam num ritmo cada vez maior. A qualidade das mesmas tornava-se evidente. A Revista CEFAC, que nasceu em 1999 para registrar as melhores monografias apresentadas por seus alunos de especialização (quase sempre revisões bibliográficas), agora se diversificava em publicar trabalhos sofisticados de pesquisa em campo, prospectivos, com grupo controle, avaliação estatística, não só de seus alunos de pós-graduação, mas também por colegas fonoaudiólogos de várias

Revista CEFAC

Atualização Científica em Fonoaudiologia

v. 8, n. 1, jan-mar, 2006

instituições e universidades. Todos nós estávamos fascinados pelo sucesso e respeitabilidade cada vez maior da Revista CEFAC.

Assim, a Revista CEFAC deixou de ser uma publicação “nossa”. Ela passou a representar uma comunidade nacional de fonoaudiólogos. Era preciso ir além. Era preciso tornar a Revista CEFAC visível a todos os fonoaudiólogos brasileiros e, também, latino-americanos. Para isso, a indexação no Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde – Lilacs, gerenciado pela BIREME, tornou-se um imperativo.

A Revista CEFAC sofreu transformação do seu quadro editorial e, com isso, ganhou qualidade e cientificidade. O novo Editor Científico, Dra. Kátia Nembr, foi escolhido pelas suas qualidades científicas e humanitárias. Trata-se de pessoa de mais alta competência e formação acadêmica/científica. Com sua desenvoltura pessoal e técnica propiciou o reconhecimento final da lisura e representatividade da Revista CEFAC no meio científico nacional e internacional. A Revista CEFAC está indexada ao Lilacs!

A trajetória da Revista CEFAC, de institucional até ser representativa de toda a comunidade fonoaudiológica, serve de exemplo para que outras iniciativas voltadas para a Ciência possam ser possíveis mesmo estando fora do círculo fechado e “carrancudo” das universidades públicas.

Parabéns à editora científica Kátia Nembr e à editora executiva Zuleica Camargo, e, também, a todos os seus editores de área: Jaime Zorzi, Simone Rocha de Vasconcelos Hage, Irene Queiroz Marchesan, Patrícia Junqueira, Lara Bitante de Oliveira, Maria Inês Rehder, Kátia de Almeida, Ieda Pacheco Russo, Mirian Goldenberg e Célia Maria Giachetti, que tornaram possível a maior visibilidade de uma revista de inigualável qualidade, ética e científica.

Parabéns a todos os fonoaudiólogos! Essa vitória é de todos vocês.

Vicente José Assencio Ferreira
Médico e Doutor em Medicina pela Universidade de São Paulo
Ex-Editor Científico da Revista CEFAC (entre 2000 e 2003)